

A CRIANÇA, A PRÁTICA DA FILOSOFIA E O MÉTODO FENOMENOLÓGICO : UMA ARTICULAÇÃO POSSÍVEL

Ana Cecília Faleiros de Pádua Ferreira – Instituto Agostiniano de Filosofia – Franca-sp
Ana Maria de Melo Ribeiro – QUAVISSS / UNESP-Franca-sp

Resumo

O presente estudo propõe uma aproximação do método fenomenológico com a prática da filosofia com crianças. O trabalho descreve em síntese alguns conceitos propostos por Husserl a respeito da fenomenologia e por Lipman sobre Programa da Educação para o Pensar. Objetiva mostrar como o método fenomenológico auxilia na investigação filosófica, especificamente com crianças, em que as finalidades são: o desenvolvimento das habilidades do pensamento, a iniciação filosófica e preparação para uma cidadania responsável.

A oficina consiste na vivência dessa proposta do filosofar utilizando o método fenomenológico, conforme é realizado pelas crianças em sala de aula.

Palavras-chave: Fenomenologia, educação, filosofia.

Abstract

This work proposes an approach of phenomenologic method with the philosophical practice with children. The work describes some proposed concepts by Husserl regarding the phenomenology and The Education Program for Thinking. Its object is to show how the phenomenological method helps in the philosophical investigation, especially with children in order to: development of thought skills, philosophical starting and the preparation for a responsible citizenship.

The workshop consists on the experience of this purpose of to philosoph, using the phenomenologic method, according to it is being carried out for the children in the classroom.

1 INTRODUÇÃO

Um dos grandes desafios na atual educação brasileira é conciliar a aprendizagem dos conteúdos curriculares, o interesse de apreendê-los e a reflexão dos mesmos, devido a sua extensão.

Foi diante desse cenário, formado de uma maioria de alunos que se colocam diante do conhecimento como meros receptores do saber, sem uma implicação mais ativa nessa prática que há mais ou menos quatro décadas atrás, um pedagogo norte-americano Lipman propôs o ensino da filosofia desde os primeiros anos escolares.

Com o intuito de viabilizar a postura reflexiva diante do saber e da realidade é que foi criada e desenvolvida uma educação diferenciada para o pensar, através da filosofia.

A proposta da educação para o pensar visa desenvolver o pensamento de modo que tenha condições de análise crítica, cuidadosa e criativa a respeito do conhecimento. Através da prática da filosofia com as crianças é possível perceber o desenvolvimento cognitivo e amadurecimento afetivo da criança.

O presente estudo tem como objetivo realizar uma reflexão sobre o trabalho da filosofia para crianças utilizando como recurso o método fenomenológico. Trata-se de apresentar a prática do filosofar da criança e a sua fundamentação através da fenomenologia.

Este trabalho busca associar a educação para o pensar ao método fenomenológico. É através do método fenomenológico que a investigação filosófica infantil acontece, uma vez que a criança é estimulada a abandonar a “atitude natural” para colocar a realidade e o objeto de investigação entre parênteses, conforme propõe Husserl, o criador do método fenomenológico.

O interesse em apresentar uma oficina que propõe a vivência desse encontro, é de mostrar não só a aplicabilidade do método com grupo de crianças, como um recurso para a investigação filosófica, mas também como um instrumento imprescindível para a educação reflexiva.

Freire afirma que “uma educação que procura desenvolver a tomada de consciência, despertando o pensamento crítico, apoiando em critérios, será uma educação graças a qual o homem escolhe e decide, liberta-o em lugar de submetê-lo, de domesticá-lo, de adaptá-lo como faz com muita frequência a educação tradicional, que tende a ajustar o indivíduo à sociedade em vez de promovê-lo em sua própria linha” (apud VALENTIM, 1995, p 56).

2 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

Para a compreensão do exercício da filosofia, especificamente no mundo da criança, associado à fenomenologia, é necessário um mínimo de explanação a respeito de alguns de seus princípios básicos.

2.1 SOBRE O MÉTODO FENOMENOLÓGICO:

A proposta de Husserl, o fundador da fenomenologia, é resgatar a finalidade primeira e última da filosofia, que consiste na prática de investigação interrogativa e de seus aspectos dinâmicos. Para tanto refuta o psicologismo e o logicismo porque em ambos há uma atitude de sistematização a priori, enquanto que a proposta da fenomenologia é chegar ao fenômeno mesmo sem sistemas e premissas anteriores.

A atitude básica do método consiste em descrever a realidade, conforme pontua Capalbo (1983, p. 38) : “...Husserl tentará mostrar portanto de um lado que a reflexão é reveladora das influências do meio, que todo pensamento está mergulhado na experiência vivencial, no fluxo temporal, será assim um pensamento e uma consciência históricos. Por outro lado Husserl quer mostrar a importância de colocar entre parênteses esse vivencial, esse conjunto de informações, que estão implicados na nossa experiência existencial, para ver melhor, não as realidades experimentadas, mas sim o caráter de serem experimentadas. Em outras palavras, Husserl quer liberar o nosso olhar para análise do vivido, que não pode ser definido, mas apenas descrito.” Ele ainda ressalta que com a fenomenologia acontece uma transformação na relação sujeito-objeto no processo do conhecimento. Para Husserl o sujeito através da consciência apreende o fenômeno, enquanto o objeto caracteriza-se por ser o próprio fenômeno.

Compreende-se por fenômeno a manifestação de algo, aquilo que aparece ao homem, conceito estruturado por Kant e utilizado por Husserl com um fim próprio.

O objetivo de Husserl é dirigir o olhar às próprias coisas, retirar as contaminações sociais e culturais e centrar-se no próprio fenômeno, afirma que “é necessário voltar às coisas mesmas”. Conforme pontua Sartre o ser em si não se apresenta numa dualidade de essência e aparência, mas é o próprio fenômeno, o seu aparecer e ser em diversas perspectivas.

Para Chauí (2005, p. 09) “a fenomenologia é uma ontologia regional na medida em que se trata do ser (do grego *on*) enquanto estruturado com sentido diferente conforme visado pela consciência.”

Segundo o filósofo Husserl (2005) é preciso que aconteça a purificação da consciência de muitos pressupostos, que contaminam a apreensão do fenômeno, para que haja uma percepção mais autêntica do mesmo. A consciência nesse processo é fundamental, justamente porque funciona como a que realiza a apreensão do fenômeno. Ele se refere à consciência como intencional, ou seja, ele é sempre consciência de alguma coisa. Não há uma mistura de sujeito e objeto no ato de conhecer, cada um tem a sua função nessa relação. A consciência abre-se ao fenômeno e este permanece fora dela. Desse modo a consciência como consciência de, intencional, caracteriza-se como atos e movimentos e não mais como substância, conforme posicionamento cartesiano, *res cogitans*.

Nessa perspectiva a relação sujeito- objeto é restabelecida e não há mais pólos rivais entre um e outro. Conhecer significa visar o fenômeno e não se apoderar e anulá-lo, mas apreendê-lo na sua singularidade e em suas perspectivas.

Husserl (2005), apresenta esse ato do conhecer como uma relação de passagem do objeto, do fato empírico para a consciência, que segundo o filósofo caracteriza-se pelo movimento, por seu visar o objeto, como sujeito da apreensão. A operação que se realiza é a descrição de fatos empíricos, que se constituem como coisas inacabadas e em cada perspectiva constituem “um completo em si mesmo”.

O primeiro momento do conhecimento é a busca do sentido e significado, da compreensão através do eidos; em sequência há a redução eidética, posicionamento da consciência de colocar a existência entre parênteses.

De acordo com Chauí (2005, p 10), nesse ato – correlato do conhecer -, “as coisas caracterizam-se pelo seu perspectivismo, inacabamento (...) as idéias ou conceitos por seu aspecto globalizador total e acabado”.

2.2 FILOSOFIA PARA CRIANÇAS

O programa Filosofia para crianças, desenvolvido pelo professor Matthew Lipman, no final da década de 60, foi instaurado no Brasil no início da década de 70. O programa apresenta três objetivos básicos: “cultivar as habilidades cognitivas; incentivar o diálogo investigativo sobre a experiência humana e a construção de conhecimentos”. (LIPMAN, 1997, p 2) .

Kant foi quem afirmou que “não há filosofia que se possa aprender; só se pode aprender a filosofar” (apud ARANHA E MARTINS, p. 05), e é esta a proposta do curso - promover o ingresso das crianças e dos jovens na filosofia e prepará-los para uma cidadania responsável.

Como a investigação filosófica pode contribuir para a educação mais reflexiva? , Qual a finalidade da filosofia no mundo em que vivemos? São essas e outras questões que perpassam diante da presente proposta.

Marilena Chauí (1995, p 18) responde que “ (...) *se abandonar a ingenuidade e os preconceitos do senso comum for útil, se não deixar guiar pelas idéias dominantes e aos poderes estabelecidos for útil, se buscar compreender a significação do mundo, da cultura, da história for útil, se conhecer o sentido das criações humanas nas artes, nas ciências e na política for útil, se dar a cada um de nós e à nossa sociedade os meios para serem conscientes de si, de suas ações numa prática que deseja a liberdade e a felicidade para todos for útil, a filosofia é o mais útil de todos os saberes*”. A sua utilidade está, todavia, no desenvolvimento de pessoas conscientes da realidade que estão inseridas, que possam não somente explicar e compreender a mesma, mas também atribuir-lhe sentido.

O filósofo Merleau Ponty ressaltou que “a verdadeira filosofia é reaprender a ver o mundo”, e a questão que se instaura é : “como abrir caminhos para que o aluno descubra a paixão intelectual, a gula intelectual? Como compartilhar a visão de mundo como algo novo, a ser destrinchado a cada dia?” (apud SÁTIRO e WUENSCH, 2004, p. 195)

Lipman (1995), acreditando que a paixão das crianças e jovens pelo saber é possível, desenvolve um método para que esta de fato se efetive. Esse método consiste, inicialmente, num reposicionamento dos alunos, onde não mais existem fileiras, a sala de aula se transforma em “comunidade de investigação”, organizada num círculo em que todos ocupam posições iguais, possuem os mesmos direitos de fala - a organizadora do pensamento. Aí o aluno também é um produtor de conhecimento, enquanto o professor é o seu facilitador. Um texto, então é apresentado, e narra uma vivência familiar a todos e onde permeiam situações de conflitos. A investigação filosófica inicia quando nessas narrativas as convicções e crenças inseridas são colocadas em questão, “tornam-se pouco confiáveis”, e somente termina quando os alunos encontram “convicções mais confiáveis”.

No dia-a-dia da sala de aula, a conduta que predomina são alunos que constantemente questionam uns aos outros, há uma descentralização do professor enquanto detentor da fala, “solicitam entre si razões para suas convicções”, “baseiam-se em idéias de outras pessoas”, “criam soluções entre si”, “utilizam critérios específicos quando fazem julgamentos”,

“colaboram para o desenvolvimento das técnicas de resoluções racionais de problemas”. Em contrapartida, o comportamento individual dos alunos consiste na internalização da conduta realizada em comum. Ocorre, portanto, uma atividade – filosofar- pensar, repensar, de forma crítica e criativa, julgar, inferir, reponsabilizar pela fala e suas possíveis consequências, realizando assim um constante exercício de cidadania.

Segundo Lipman (1995, p 29), “ *a educação é o resultado da participação em uma comunidade de investigação orientada pelo professor, entre cujas metas encontra-se o desenvolvimento da compreensão e do julgamento adequados. Os alunos são estimulados a pensar sobre o mundo quando o nosso conhecimento a seu respeito revela ambíguo, equívoco e inexplicável (...) presume-se que as disciplinas onde ocorrem questionamentos não sejam nem coincidentes nem completas, conseqüentemente, sua relação com os temas são bastante problemática (...) a postura do professor é de habilidade (aquela que está pronta para admitir erros) no lugar daquela que se faz valer da autoridade (...) há a expectativa em torno dos alunos de que estes pensem e reflitam, e que desenvolvam cada vez mais o uso da razão, assim como a capacidade de serem criteriosos (...) o enfoque do processo educativo não é a aquisição de informações mas sim a percepção das relações contidas nos temas investigados*”.

Ao invés de aprender a solução o aluno é convidado a investigar o problema, desenvolvendo a sensibilidade de apreender a problemática através de uma *dúvida*, de algo que põe em cheque a certeza, de modo que os alunos experimentam pensar sobre o pensar através de uma situação proposta.

O instigante caminho que os alunos percorrem se faz através das palavras, partindo do abstrato para o concreto, implicados na busca das histórias e seus significados, num exercício de constante atribuição de sentido às mesmas. Como coloca Sátilo e Wuensh (2004, p16), “as palavras tem histórias e a história está grávida de significados”, e o parto se dá por meio de uma cooperação, respeito mútuo e objetivos comuns.

Newmann (apud LIPMAN, 1995, p 85) destaca que “o pensar de ordem superior requer um esforço mental especial: a resolução de pontos de vista conflitantes, a tolerância em relação à ambiguidade e incerteza, a autocrítica, a independência de julgamento (ao invés da dependência em relação às autoridades), a consideração séria de idéias que podem desafiar a sabedoria ou doutrinas convencionais”.

De acordo com Wittgenstein (apud LIPMAN, 1995, p 90), “a filosofia não é uma doutrina, mas uma atividade”, exercitá-la constantemente significa desenvolver o pensamento e, portanto, pensar melhor.

A reflexão que se instaura se refere à prática com crianças com idade entre 5 e 10 anos, que se aventuram na arte de pensar a própria existência e a realidade que as cercam.

Por arte compreende-se, segundo Aristóteles (apud FROMM, [s.d.]), o “fazer e o executar” algo e, em se tratando do próprio ato de pensar, como uma atividade de atribuição de sentido ao mundo.

A proposta do trabalho filosófico com as crianças é o de desenvolver as habilidades cognitivas, proporcionando uma segurança afetiva no ato de posicionar-se através da própria análise.

O que significa desenvolver as habilidades do pensamento?

Os objetivos primeiros dessa prática caracterizam-se pelo desenvolvimento do raciocínio, que compreende o exercício da capacidade de “comparar, identificar semelhanças e diferenças, contrastar, perceber contradições, definir, avaliar critérios, detectar pressupostos e ambigüidades, raciocinar por analogia, generalizar, detectar falácias entre outros” (LIPMAN apud Filosofia no ensino Médio, p.7)

Um segundo aspecto é o modo como acontece a investigação filosófica. Inicialmente a criança é estimulada e solicitada a , no momento da discussão de um tema, “observar, levantar questões, problematizar, formar e confrontar hipóteses, criar e explorar alternativas, antecipar conseqüências, verificar, sintetizar e concluir” (LIPMAN, apud apostila Filosofia no Ensino Médio, p 7) .

Na comunidade de investigação há uma outra prioridade que consiste na formação de conceitos, a atividade de “estabelecer relações (parte-todo, meio-fim, causa-consequência), fazer distinções e conexões, classificar, explicar, entre outros”.

Concomitante a essas atitudes filosóficas há uma preocupação em interpretar e traduzir conceitos, “parafrasear, substituir, narrar, descrever, perceber implicações, suposições, pressuposições, inferir, identificar fundamentos.” (LIPMAN apud apostila de Filosofia no ensino médio, p.07)

Toda essa prática tem a preocupação de desenvolver o pensamento crítico, criativo e cuidadoso.

Como realizar a comunidade de investigação? Através do diálogo e da proposta de um olhar para o fenômeno, numa postura de fenomenólogo, de “voltar as coisas mesmas”, de purificar a consciência.

2.3 OFICINA: O ENCONTRO DA FILOSOFIA PARA CRIANÇAS E A FENOMENOLOGIA.

Na aula de filosofia as crianças se posicionam em círculo onde todos se vêem e a proposta é o diálogo. A interação ocorre entre sujeito e objeto, conforme os fundamentos da fenomenologia, numa relação de equilíbrio. Há um texto em que o grupo lê em voz alta e posteriormente as crianças constroem uma problematização dos aspectos salientados por elas.

Inicia-se, assim, a investigação filosófica, com os questionamentos das crianças, onde o foco é a busca pela estrutura do próprio fenômeno, de forma a compreender, através das descrições do como ele pode ocorrer, o que significa e para que serve.

A atenção se volta para a busca e o discurso compartilhado, para as falas e a escuta, como revelação da intencionalidade. Há um visar da consciência, nesse momento, e uma abertura para a investigação. No tecer das palavras, e também em seus nós, de incompreensões e incoerências, aparece o fenômeno, e nas suas manifestações em perspectivas ocorrem as várias tentativas de buscar conceitualizá-lo, chegar a uma redução eidética.

Tanto na fenomenologia quanto na filosofia para as crianças acontece a tentativa de ampliar a consciência e estabelecer as relações entre a vivência e sua nomeação através da redução seja fenomenológica, seja na formação de conceitos, de eidos.

2.4 DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

O primeiro momento da oficina é caracterizado pela aplicação de uma técnica de sensibilização. É pedido ao grupo que se posicione de pé formando um círculo e cada integrante segura um pedaço de barbante amarrado em uma caneta. Os participantes têm a incumbência de, todos juntos, colocar a caneta dentro de um vidro localizado no centro do círculo.

A tarefa, que representa a vivência de um trabalho em grupo, visa analisar as atitudes de cada um no desempenho da mesma e, principalmente, levar as pessoas a experimentarem como, na prática filosófica, deve ser uma comunidade de investigação, onde cada membro deve estar pessoalmente comprometido para que o grupo alcance êxito.

Após o momento introdutório da sensibilização, os participantes recebem fragmentos do texto filosófico, intitulado “O conhecimento”, de autoria de André Comte-Sponville, para procederem à leitura compartilhada.

Lido o texto, as pessoas, agrupadas em trios, são instruídas a levantar perguntas sobre o que o texto as fez pensar e, em seguida, anotá-las em folha de sulfite. Em seguida o grupo organiza as questões expondo-as através de um painel, depois de agrupá-las conforme a semelhança de sentido, e escolhe por qual delas iniciarão o diálogo filosófico.

Instaura-se, portanto, a partir daí, a comunidade de investigação. O tema é proposto pelo grupo, o coordenador conduz indiretamente a conversa e inicia a busca pela descrição do fenômeno e pela redução eidética, através da formulação de conceitos e síntese da discussão em grupo.

A atividade da investigação filosófica se encerra com a própria análise do grupo sobre a prática filosófica que realizaram, e a apresentação de um vídeo mostrando um grupo de crianças filosofando sobre a existência humana fecha a oficina.

3 BIBLIOGRAFIA

ARANHA, M.L.A. , MARTINS, M. H. P. Filosofando. São Paulo: Moderna, 3ª. Edição.

CAPALBO, Creusa. Fenomenologia e Hermenêutica. Rio de Janeiro: Âmbito Cultural, 1983.

CHAUÍ, M.S. In HUSSERL. São Paulo: Nova Cultural, 2005.

_____ Convite a Filosofia. São Paulo: Ática, 1995.

COMTE-SPONVILLE, A. Apresentação da Filosofia. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FROMM, E. Análise do homem. São Paulo: Círculo do Livro, [s.d.].

HUSSERL, E. Husserl, Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 2005.

LIPMAN, M. PIMPA. Manual do professor : “em busca de significado”. Trad. A. L. Falcone e S.J.H.L. Mandel São Paulo: Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças.

_____ O pensar na educação. Trad. Ana Luiza Falcone. Petrópolis: Vozes, 1995

SÁTIRO, A. , WUENSCH, A.M. Pensando Melhor. São Paulo: Saraiva, 4ª. Ed. Formulada, 2004.